

## O Lugar das Filarmónicas

### Reflexões sobre as festas religiosas e a funcionalidade do repertório - Parte I

**Nota:** Como reflexões que são, muitas das afirmações aqui feitas têm como base uma perspectiva pessoal limitada ao que posso observar, que pode carecer de comprovação, portanto fica aberta à discussão, com novas ideias, sugestões e informações, que desde já agradeço.

Na sequência da minha reflexão anterior, venho agora falar sobre as actuações de palco das Bandas Filarmónicas. Admito que algumas informações que irei expor são do senso comum para quem está por dentro do universo filarmónico, no entanto, acho útil que esta página traga informação útil a quem desconheça por completo o contexto, daí que algumas explicações sejam de alguma forma exaustivas.

#### Actuações de palco

A grande maioria das bandas filarmónicas investe muito do seu tempo de ensaios na preparação das suas actuações de palco. Os concertos são considerados o tipo de actuação mais importante e conseqüentemente a que exige um tratamento musical mais cuidado. A tradição dos concertos por parte deste tipo de agrupamentos já remonta pelo menos à 1ª metade do séc. XIX e tem duas características fundamentais: a variedade estilística do repertório e o facto de serem gratuitos para o público. Respeito e admiro as instituições que apresentam datas de fundação anteriores ao início do séc. XIX, no entanto julgo que o tipo de agrupamentos musicais dessa altura seriam substancialmente diferentes, quer na formação, quer na função, já que muitos dos instrumentos actuais das bandas e as tecnologias de construção dos mesmos não existiam nessa altura (não existiam saxofones, fliscornes, bombardinos, tubas, nem cilindros ou pistões para qualquer dos metais).

Em Portugal, e no que se refere às festas de índole religiosa, os concertos das bandas ocupam um lugar importante na parte profana. Segundo me é dado a perceber pelo testemunho de músicos de prolecta idade, a banda era o agrupamento que animava as festas para além dos rituais religiosos já referidos. O repertório de concerto preferencial da maioria das bandas constituía-se por marchas, pasos dobles, fantasias e arranjos vários de música de origem dramática (revistas, zarzuelas), rapsódias de temas populares ou tradicionais e transcrições de obras do repertório sinfónico. Mais recentemente, há cerca de duas décadas, passou-se a distinguir um novo tipo a que se dá o apelido de “música ligeira”, que é igualmente música de carácter popular, com a diferença de ser mais contemporânea.

Convém esclarecer que considero música popular a que chega a uma grande quantidade de população e música tradicional aquela que sofre influências das tradições nacionais ou regionais, de carácter mais etnográfico ou folclórico. Quero com isto dizer, que antigas rapsódias, dos anos 50 e 60, incluíam na sua maioria música que estava no ouvido das populações, através da rádio, cinema ou de cantores e grupos famosos. Era música ligeira na altura, assim como as valsas de Johann Strauss e os Minuetes de Mozart o eram na sua altura. Há quem critique a adaptação da música ligeira às bandas nos dias de hoje, com ritmos e características da pop internacional (pop é uma abreviatura internacional para “popular”), a inclusão de baterias, instrumentos eléctricos, ritmos sincopados do género swing. Temos que ter consciência que não se faz nada diferente do que se fazia no passado, a música ligeira ou popular é que mudou. Colocar o tema “Cartas de Amor” numa rapsódia dos anos 60 é o mesmo que adaptar hoje um tema dos Xutos e Pontapés, as rapsódias feitas à base de arranjos musicais são a mesma coisa que as selecções ligeiras. As rapsódias baseadas em música tradicional, mas com temas originais são já uma coisa diferente.

Vou tentar dividir os tipos de obras praticados pelas bandas actualmente pela ordem genérica de apresentação de concerto no Norte do país:

**Marchas:** Marchas de concerto, por vezes com solista, geralmente trompete, muitas vezes ao estilo Espanhol (Pasos Dobles), um pouco mais extensas do que as marchas de rua e com possibilidade de variações de andamento, suspensões e cadências solísticas.

**Aberturas:** Termo genérico dado às transcrições do repertório sinfónico, talvez por a maioria delas serem aberturas de óperas (Tannhauser, Guillaume Tell, Gazza Ladra). De facto algumas são andamentos de sinfonias (ex. Sinf. Do Novo Mundo), outras são poemas sinfónicos (Juízo Final ou o Inferno), outras são fantasias, rapsódias, etc. (Rapsódias Eslavas, Capriccio Italiano, Marcha Eslava)

**Fantasia:** O termo é utilizado no meio musical geral para denominar peças sem estrutura pré-definida, de carácter livre. No meio filarmónico inclui selecções de temas de zarzuelas, sendo que a zarzuela é uma espécie de semi-ópera espanhola (ex. Las Bodas de Luiz Alonzo, La Legenda del Beso), obras originais para banda que não se incluem em nenhuma das outras categorias e mais recentemente bandas sonoras de filmes.

**Peças a Solo:** Normalmente para trompete, flautim ou clarinete.

**Peças Ligeiras:** Arranjos de música pop contemporânea ou relativamente recente.

**Rapsódias:** Suites de temas de raiz tradicional, ou arranjos de música ligeira mais antiga.

Pessoalmente penso que só há um tipo de limitação de repertório que as bandas devem ter em conta: a capacidade técnica. Por vezes direcções e maestros são coagidos pelo público, músicos e entidades contratantes a executar determinada peça e o pior que se pode dizer é "não somos capazes, não temos capacidade técnica para isso". Perde-se o mercado, algum orgulho, ganha-se na qualidade. O pior que pode acontecer é na semana seguinte ouvir uma banda com muito menos recursos técnicos a executar a mesma obra de uma forma lastimável e alguém vir dizer: - Aqueles conseguem. Parece ridículo, mas acontece e não há solução para isso, só a consciência de cada um pode ditar. Deve-se correr o risco que algo corra mal, que as peças sejam mal executadas de vez em quando, apresentar desafios, mas optar por enganar o público e a música e por vezes os próprios músicos, muitas vezes jovens, não é uma solução para fazer evoluir a cultura. Se ensinarmos um jovem músico a tocar mal e o convenceremos que está a fazê-lo bem, quando um dia ele se aperceber e quiser tocar bem, vai demorar três vezes mais tempo do que se não lhe tivéssemos ensinado coisa alguma.

### **O Despique:**

Os concertos com duas Bandas a tocarem alternadamente são uma tradição implantada principalmente no Norte do país. Não sei qual a sua razão histórica, mas tendo em conta que antigamente as Bandas faziam a festa completa, muitas vezes até às 2h e 3h da manhã, talvez tenham surgido por motivos de resistência, para permitir aos músicos descansarem alternadamente. O conceito de competição é absolutamente lógico e enraizado na natureza humana. Musicalmente, não me parece que tal uso traga qualquer vantagem qualitativa. As minhas razões são as seguintes:

Se o objectivo dos despiques for comparar a qualidade musical das Bandas, teria muito mais lógica que as respostas fossem exactamente com a mesma peça, sempre que possível. Assim a comparação seria muito mais fiável e objectiva.

É um facto que as bandas que praticam despiques têm que ter uma reserva de repertório muito maior, porque nunca sabem ao certo que peças poderão tocar. Não há possibilidade de fazer um programa de concerto, ou seja, o tempo de ensaios é distribuído entre muito mais peças, sendo que cada uma será menos preparada do que para um concerto de programa, obviamente será executada com muito menos qualidade.

Os despiques prolongam-se no tempo, são morosos, acontece haver despiques das 16h até às 20h e das 22h até à 1h do dia seguinte. As pessoas não estão a ouvir. Não é razoável exigir do público muito mais do que 1h30 de atenção, nem dos músicos a concentração. Sei que quem manda são as entidades contratantes, mas o que expus não deixa de ser uma realidade. Na maioria das festas religiosas há um conceito de concerto volante, ou seja, o público circula, ouve uma ou outra peça, “bebe um copo e cavaqueia”, distrai-se. Não faz sentido que a mesma entidade contratante que quer que a Banda toque um “1812” ou uma “Tannhauser” ofereça este tipo de condições, seria aceitável no universo exclusivo da música ligeira, e mesmo assim exagerado.

Aqui incluo um comentário às festas religiosas no seu global. Em muitas festas, principalmente no Norte do país, a actuação das Bandas começa às 8 ou 9 horas da manhã e prolonga-se até às 1 hora da manhã do dia seguinte, com intervalos de 2h para refeições. Muitas vezes o preço pago, distribuído equitativamente pelos músicos depois de retirados os custos com despesas correntes (transportes, manutenção e compra de instrumentos, manutenção de salas de ensaio e custos administrativos) não chegaria para cada um pagar as suas refeições num restaurante barato. As Bandas são baratas, mesmo as que cobram mais. Em pleno séc. XXI, trabalho deste tipo nestas condições aproxima-se muito do conceito de exploração imoral.

## **O Concerto:**

Sobre os concertos normais, com uma só banda, ou com bandas consecutivas, continuo a insistir na questão da duração. Menor duração garante maior concentração dos músicos e maior atenção do público. No entanto, o público de Bandas filarmónicas está relativamente mal habituado, não tem hábitos de audição. Um dos erros que inadvertidamente se comete é confrontar o público directamente com os seus maus hábitos. Chamar a atenção para o excesso de ruído, gestualmente, oralmente ou através de “xxius” constantes é contraproducente. Prejudica a música e o espectáculo. Há algumas estratégias úteis, quando possíveis de levar a cabo:

- Marcar inequivocamente o início do espectáculo.

O público chega, instala-se e conversa. Se não houver algum sinal claro de onde deve terminar a conversa, vai tentar continuá-la, mesmo depois da Banda ter começado a tocar. Em recintos fechados são por vezes possíveis pequenos sinais como abrir a cortina, fechar as portas, correr as cortinas e apagar as luzes, por esta ordem. Tudo isto tem que estar bem combinado com a execução da banda. Se depois destes sinais o concerto demorar a começar, eles não têm qualquer efeito. O aquecimento e afinação da Banda deve ser feito antes destes sinais, se possível já no palco. Se for estritamente necessária a presença do maestro em palco para esse aquecimento e afinação, ele deverá sair antes de serem dados os referidos sinais e quando voltar a entrar deverá dar início ao concerto o mais rapidamente possível independentemente do ruído envolvente (a princípio pode não resultar, mas criará um hábito, uma espécie de cerimónia à qual as pessoas gradualmente irão aderindo). Os músicos devem ser instruídos para manter o silêncio em palco um pouco antes do início do concerto. A título de brincadeira, mas extremamente funcional, pode-se sugerir aos músicos que, depois da Banda afinada e da saída do maestro, façam o máximo de barulho possível durante 1 ou 2 minutos, e a um sinal qualquer fiquem em silêncio. O público será sensível e gradualmente reduzirá também o ruído. À entrada do maestro os músicos devem-se levantar. Isto não é só um gesto de respeito, mas muito mais uma marca inequívoca que o concerto vai mesmo começar. Nada de afinações nem apresentações. Quando o concerto for apresentado, a apresentação da 1ª obra deve ser feita antes da entrada do maestro, ou depois da sua execução. O início da 1ª obra é importante que

seja forte, se estivermos perante um público com maus hábitos de audição. Normalmente as marchas de concerto são ideais, aliás, a estrutura normal de concerto atrás enumerada é positivamente funcional.

As apresentações são úteis, principalmente se for explicado algo acerca da peça. Algumas pessoas estarão mais atentas, para ver se há relação entre o que foi dito e a música. Se não houver qualquer informação sobre a peça para além do nome e do compositor, inventa-se, relaciona-se a peça com o ambiente musical que propicia, com o que faz lembrar (obviamente que as opiniões pessoais devem ser referenciadas como tal). Se não houver apresentação, os intervalos entre as obras devem-se reduzir ao mínimo. O público começa imediatamente a agitar-se durante pausas longas. Se houver mesmo a necessidade de uma pausa mais longa, o maestro deve sair do palco, ou pelo menos do estrado. A ideia é educar o público de que quando o maestro está no estrado está a haver música ou irá rapidamente haver.

Por vezes a dignificação da música não passa somente por melhorar a sua qualidade técnica e interpretativa, passa também por tornar essa qualidade acessível. Num contexto em que as Bandas Filarmónicas estão, em termos gerais, a subir de qualidade, existe na maioria das vezes uma constatação de que os esforços não são compensados, que essa qualidade não chega ao público. Isto é uma queixa frequente e há a tendência generalizada em culpar a falta de cultura ou tornar o repertório mais acessível à audição de um público mais generalizado. Penso que no universo filarmónico não podemos entrar em competição com a música pop comercial, até porque esta joga com sérias vantagens em termos publicitários. Não é por acaso que as principais emissoras de rádio do país e os programas de televisão mais vistas chegam a passar o mesmo artista repetidas vezes no prazo de uma semana. Não é porque ele é bom, mas porque há contratos entre editoras discográficas e produtoras de programas que tornam tudo isto num ciclo fechado que convence o público do que é bom ou não.

Para além disso, a música comercial tem uma concepção de espectáculo alargada, que passa por ampliações sonoras brutais, luzes, cenários, coreografias, etc. Tudo isto procura chegar de forma imediata e simples ao público para que este possa comprar o mais rapidamente possível o produto, num processo altamente profissional e eficaz. O nosso objectivo não deveria ser esse, na qualidade de amadores. Somos extremamente prejudicados pela falta de cultura musical, cuja génese penso que é a ausência ou insuficiente formação ao nível do ensino regular obrigatório. No entanto temos armas suficientes para fazer valer o nosso lugar no incremento da cultura nacional, optando por colocar as coisas nos níveis correctos. Há muito boas Bandas que realizam os seus concertos de aniversário, de Páscoa, de Natal, Festivais e eventos do género em locais onde o público não tem condições para prestar atenção, quando muitas vezes há um teatro municipal ou uma sala de concertos próxima que com algum esforço pode estar acessível. Cada vez que colocamos uma banda a dar um concerto numa boa sala de espectáculos em recinto fechado, perante o olhar do público seremos vistos sob outra perspectiva, com mais interesse e atenção, o que chamará mais interessados, dignificando principalmente o trabalho realizado. Essa dignificação leva tempo, as pessoas não estão habituadas. Para muitas mentalidades, a Banda é aquele grupo de gente que vai tocar uma marcha à sua porta no dia da festa, justificando assim pendurar uma boa nota no Santo da procissão. Não estou contra essas tradições, mas penso que já há lugar para criar outras e esse é um trabalho que só quem está por dentro pode fazer, não pode esperar pelas entidades contratadoras nem por incentivos do estado. Não há dados estatísticos concretos, mas muita gente concordará que cada vez mais festas religiosas começam a substituir o concerto das Bandas por grupos pop, procurando atingir o objectivo de reunir o máximo de pessoas possível. É legítimo que o façam e não se pode fazer nada contra isso, devemos é procurar novos públicos e fazer com que eles entendam a importância do movimento filarmónico.

**Luis Cardoso**

Fevereiro de 2004